



FOTO DA NARRAS

Já houve quem o chamasse, com felicidade, de "apóstolo do bê-a-bá". Quem assim o rotulou certamente não levava em conta apenas a figura algo clerical — a começar pela barba branca e indisciplinada que ele deixou crescer para enfrentar o frio do exílio, vinte anos atrás. Pernambucano do Recife, 67 anos, Paulo Reglus Neves Freire é um homem marcado pela fé, a fé na educação, e, no exercício desse obstinado sacerdócio, projetou-se mundialmente ao criar o método de alfabetização de adultos que leva seu nome. Muitos de seus dezoito livros, como *Pedagogia do Oprimido*, estão hoje traduzidos nos quatro cantos da Terra, e nada menos de catorze respeitadas universidades, mundo afora, já lhe concederam títulos de doutor *honoris causa*.

Fundado no princípio de que o processo educacional deve partir das realidades que cercam o educando ("Não basta saber ler que *Eva viu a uva*", exemplifica; "é necessário compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir uvas e quem lucra com esse trabalho"), o método Paulo Freire valeu também a seu criador galardões menos palatáveis — embora não menos honrosos: preso

ela é cuidadosa, trabalha criticamente a disciplina intelectual da criança, estimulando-a e desafiando-a a engajar-se seriamente na busca do conhecimento. Muitos de nós, que tomamos banho com água morna desde que nascemos, que mudamos de camisa diariamente, que fizemos um curso, costumam achar que os meninos das áreas populares não aprendem, são incompetentes. Não é bem isso. A grande diferença entre essas crianças e as crianças que moram no Morumbi (bairro de classe alta de São Paulo), por exemplo, com relação à competência no aprendizado da escrita, está em que os meninos do Morumbi têm uma convivência, uma experiência com a palavra escrita, com a atividade intelectual dos membros de sua família, enquanto os meninos das favelas não têm em casa um pai lendo um livro. A sua experiência é preponderantemente oral.

ELLE — O senhor, freqüentemente, fala da "boniteza" da linguagem das crianças que dizem coisas como "a gente *cheguemos*".

Freire — Este é um ponto em que tenho sido mal compreendido. O desrespeito à linguagem e à cultura que o menino traz para a escola, por parte de quem as considera erradas, termina fazendo com que esse menino introyete a certeza de sua incompetência. É o que muitos educadores fazem, através do risco do lápis vermelho para assinalar os chamados erros de português. Não sou a favor de se deixar o menino popular fora do conhecimento do padrão culto da língua, o chamado português correto. Fala-se por aí que nego o acesso ao padrão culto e que nego o erro. Não é nada disso. Defendo o respeito à cultura popular e uma compreensão diferente do erro, que vejo como um momento na busca do acerto.

ELLE — Se o senhor tivesse um filho em idade escolar, em que escola o matricularia, na pública ou na particular?

Freire — Olha, qualquer resposta que eu desse poderia ser considerada como mentirosa, exatamente porque essa é uma hipótese longínqua, e sabemos que a gente não decide tão longe do concreto. Não tenho nenhum menino em idade escolar e não posso, por isso, tomar uma decisão. Mas posso dar minha opinião: eu daria prioridade a uma escola pública, e lutaria junto à direção dessa escola para que ela fosse melhor.

ELLE — O senhor não tem filhos em idade escolar, mas tem netos.

O MESTRE DO BÊ-A-BÁ

em 1964 sob a acusação de ser "subversivo e ignorante", passou 75 dias na cadeia antes de marchar para quinze anos de exílio na Bolívia, no Chile, nos Estados Unidos, na Suíça e em mais de um país africano.

Pai de cinco filhos e várias vezes avô, casado em segundas núpcias com sua ex-aluna Ana Maria Nasche, a Nita, homem de fala mansa que visivelmente saboreia cada palavra que diz, Paulo Freire é, desde o primeiro dia deste ano, o secretário municipal da Educação de São Paulo, na gestão petista de Luiza Erundina — tarefa que o aproxima ainda mais do objeto central de sua paixão de educador: as crianças pobres, seus "meninos populares", para os quais sonha edificar, como explica nesta entrevista, uma "escola alegre".

ELLE — Como é essa "escola alegre"?
Freire — Antes de mais nada, fique claro que nada tem a ver com uma escola fácil, irresponsável. Pelo contrário,

ELLE — Como é essa "escola alegre"?
Freire — Antes de mais nada, fique claro que nada tem a ver com uma escola fácil, irresponsável. Pelo contrário,

**CONFISSÕES DE
PAULO FREIRE,
EDUCADOR DE FÉ
QUE AOS 67 ANOS
TEVE A CORAGEM
DE AMAR DE
NOVO E VOLTAR
AO DIA-A-DIA
DO TRABALHO.**

Freire — Em vez de responder esta escola ou aquela, por que não ampliamos a pergunta, que no fundo é de natureza política e não pedagógica? De natureza política, sim. Por que é que nós não brigamos para que a escola pública seja respeitada? Aqui em São Paulo tem escola caindo, ameaçando de morte os alunos e as professoras, e por que é que nós nunca brigamos contra isso? Precisamente porque, do ponto de vista da nossa função de classe, é mais fácil pôr o filho da gente em escola particular e deixar que a outra se acabe.

ELLE — A escola privada não está mais próxima da "escola feliz" que a pública?

Freire — Eu faço justiça. Sou um homem radical, mas não sectário. Não vou citar nomes para não parecer propaganda, mas conheço escolas particulares realmente sérias que eu catalogaria como o que chamo de escola bonita. O que quero é generalizar isso. Que essas escolas deixem de pertencer apenas aos meninos que podem pagar.

ELLE — O que o senhor acha da utilização de instrumentos modernos, como o computador e o vídeo, no processo de educação?

Freire — Faço questão de ir me tornando um homem do meu tempo. Como indivíduo, recuso o computador porque acredito muito na minha mão. Mas, como educador, acho que o computador, o vídeo, tudo isso é muito importante.

ELLE — Dá para colocar o método Paulo Freire no computador?

Freire — Para mim o fundamental é: dá para pôr juntos computador e curiosidade crítica do menino? Dá. Pode até aumentar a curiosidade. Mas quanto ao uso desses instrumentos nas escolas privadas eu não tenho dúvida nenhuma: ele vai, necessariamente, aumentar o fosso entre os nossos meninos e os meninos populares. Pois mesmo sem o computador já existe uma vantagem fantástica dos nossos meninos sobre os meninos das áreas populares.

ELLE — Na sua infância, o senhor teve uma "escola alegre"?

Freire — Não. Mas tive uma professora alegre, uma mulher extraordinária, Cecília Brandão, que foi minha professora particular por conta própria — um dia se ofereceu à minha mãe para isso.

ELLE — Ela foi, de certa forma, o seu computador...

Freire — Foi o meu computador...

ELLE — De onde vem o seu interesse pela pedagogia?



“
 CASEI
 COM A NITA
 PARA
 CONTINUAR
 VIVO
 ”

Freire — Desde menino tenho um gosto pelo estudo, por compreender as coisas, por falar das coisas. E esses são gostos que fazem parte da prática da pedagogia. Depois, na adolescência, me tornei um bom professor de Português, primeiro particular, para ajudar minha mãe, e, em seguida, aos 19 anos, no ginásio onde havia estudado.

ELLE — O senhor metia o lápis vermelho nos trabalhos dos alunos?

Freire — Metia, mas não com a ênfase com que em geral se fazia isso. Quando os meninos apresentavam seus trabalhos escritos, eu lia todos e fazia anotações num papel com os descuidos que eles cometiam, e depois dava uma aula inteira sobre eles, sem citar nomes de alunos. O fato de ter sido professor de Português foi um primeiro impulso rumo à educação. O segundo foi o encontro com uma educadora extraordinária, Elza, com quem me casei e que lamentavelmente morreu dois anos atrás. Vivi 42 anos de plenitude com Elza. Sem hiatos, mesmo quando discordávamos.

ELLE — O senhor se casou de novo.
Freire — Há dois anos, com uma ex-aluna minha, grande amiga de Elza, excelente professora de História da Educação. Eu não tive medo, aos 66 anos, de refazer minha vida. E não me casei de novo para substituir Elza nem para prolongar Elza. Casei-me de novo para continuar vivo e porque ameie de novo. E aos 67 anos aceitei ser secretário da Educação da cidade de São Paulo.

ELLE — É o seu primeiro cargo público?

Freire — Na verdade, é o segundo. Por causa do primeiro (*presidente da Comissão Nacional de Cultura Popular e coordenador do Plano Nacional de Alfabetização de Adultos, do Ministério da Educação e Cultura, em 1963*), fui para a cadeia e para o exílio.

ELLE — Não é curioso que o senhor nunca tenha escrito uma linha dirigida às crianças, que são o objeto de sua paixão?

Freire — Olhe, se eu pudesse... Você não imagina como eu gostaria. Mas, gozado, meti na cabeça que não sou capaz de fazer isso. Possivelmente alguém disse que eu não era capaz de escrever, tanto que levei anos para poder escrever as minhas pedagogias.

ELLE — Como o senhor se define em matéria de religião e política?

Freire — Sou um homem de fé — prefiro dizer de fé do que religioso, porque há uma certa conotação mágica nesse conceito de religiosidade que não me agrada. Uma fé meio gratuita, sem grandes discussões. Por exemplo, minha mulher morreu, morreu no meu peito, e eu quase morri também, de dor — mas não perguntei uma vez sequer: *por quê?* Não me achava com direito de fazer essa pergunta. Agora — e isso eu quero que fique bem claro — minha fé jamais me levou a uma atitude reacionária, *jamais*. Pelo contrário, ela sempre me empurrou para uma posição progressista, às vezes mais ingênua, às vezes menos. Não posso aceitar em paz, de jeito nenhum, essa sociedade que está aí. A minha fé não me faz cinico, ela me faz indignado.

ELLE — E em política?

Freire — Minha opção é socialista. Socialista e democrática, mas não social-democrática.

ELLE — Se a vida fosse terminar agora, que balanço o senhor faria de sua passagem pela Terra?

Freire — Eu diria: procurei amar. E, tendo procurado amar, nunca deixei de querer conhecer.

HUMBERTO WERNECK